

A Crise Dos

Partidos

S. IV.

Raul Pilla

57

ACHAM-SE em crise os partidos nacionais. Crise naturalmente maior, nos maiores; crise maior, também, nos que mais se assemelham a partidos, do que nas simples organizações eleitorais.

Fôra previsto o fenômeno na Assembléia Constituinte, pois é fato conhecido e explicado ser o presidencialismo incapaz de criar o ambiente político necessário à existência de verdadeiros partidos. A esta causa fundamental e permanente da falência dos Partidos Nacionais, há que acrescentar outra causa importante.

Deposta a ditadura a 29 de outubro de 1945, o que evidentemente cumpria era convocar uma assembléia constituinte. Isto se fez, mas juntamente com outro ato, que não poderia deixar de interferir nocivamente: a eleição do presidente da República. Este pleito, sendo lógicamente menos importante, dominou e absorveu o outro: houve muito mais uma eleição presidencial, que uma eleição constituinte. O eleitorado, deseducado por longos anos de regime autoritário, agrupou-se segundo as duas candidaturas apresentadas: a do que personificava a luta contra o Estado Novo e a do que, tendo-o embora servido até os últimos momentos, passara a exigir a realização de eleições, que o ditador prometera, mas pretendia evitar.

Estes foram os núcleos de cristalização dos dois maiores partidos nacionais, dos partidos que haveriam de determinar os rumos da Assembléia Constituinte. Quer dizer: não houve rumos e, na ocasião histórica em que, utilizando a dolorosa experiência passada, se deveria fazer uma profunda reforma política, tudo ficou na mesma.

Este erro de se haver feito girar a luta eleitoral em torno de nomes, embora nomes significativos, foi consideravelmente agravado por outro erro fundamental: ter-se transformado em Congresso ordinário a Assembléia Constituinte.

Depois de organizado o novo regime, depois de estabelecidos os princípios cardiais do seu funcionamento, é que se poderiam organizar verdadeiramente os partidos para o fazer funcionar, e se poderia eleger o primeiro Congresso Nacional.

Antes era o caos político, isto é, a inexistência de partidos; depois, a formação de movimentos amplos para a eleição da Assembléia Constituinte; finalmente, e isto faltou, a organização de partidos definidos e a constituição do verdadeiro Poder Legislativo.

Explicam estas malaventuradas circunstâncias a heterogeneidade, a contradição interna dos partidos nacionais. Dentro de cada um deles cabem tôdas as tendências e, até, a falta de qualquer tendência. Não passam de receptáculos mais ou menos amplos, onde tudo se pode meter.